

PERCEÇÃO DO PROFESSOR SOBRE O FENÔMENO *BULLYING* NO AMBIENTE ESCOLAR

2011

Valéria Ferreira
Janaina Fatima Rowe

Acadêmicas do curso de Psicologia da Universidade do Oeste de Santa Catarina - Campus de São Miguel do Oeste (Brasil)

Lisandra Antunes de Oliveira

Mestre em Psicologia Social e da Personalidade e professora do curso de Psicologia da Universidade do Oeste de Santa Catarina (Brasil)

Email:

janaina_smo@hotmail.com

RESUMO

A pesquisa teve por objetivo conhecer a percepção do professor acerca do bullying e saber que sentimentos as situações de *bullying* despertavam neles. A violência no ambiente escolar tem sido vista como um problema cada vez mais freqüente. O *bullying* caracteriza-se por um relacionamento interpessoal marcado por um desequilíbrio de forças, envolvendo atitudes agressivas, intencionais e repetidas tomadas por um estudante contra o outro. Neste contexto, o professor contribui para favorecer o bem-estar psicossocial no ambiente escolar. Os participantes foram 5 professores da rede pública de ensino, que responderam a um questionário semi-estruturado. Para analisar os dados, foi utilizado o método de análise de conteúdo. De modo geral, os resultados indicam que os professores enfrentam esse tipo de violência em seu cotidiano. Eles tem interesse em reduzir esses comportamentos, assim como sentem-se afetados e acreditam que o *bullying* prejudica o seu trabalho em sala de aula.

Palavras-chave: *bullying*, relação professor-aluno, ambiente escolar

A escola é uma instituição de grande importância na vida do sujeito. As relações sociais entre professores, pais e estudantes são fatores constituintes na formação da personalidade. As experiências construídas neste espaço pelo sujeito contribuem para moldar suas relações na família e na sociedade, assim como também refletem as mesmas (MARRIEL et al, 2006).

A prática da violência no ambiente escolar não é um fenômeno recente, porém está se tornando um grave problema social e de saúde pública (PINHEIRO, 2006; SILVA, 2006).

A violência aparece como um problema cada vez mais freqüente nas escolas atuais. Ela tem sido percebida de maneira ampla, como resultante da interação entre fatores individuais e fenômenos sociais, como a família, a escola e a comunidade. O discurso cultural tem se reproduzido na escola e por se tratar de um fenômeno multicausal, muitas situações dependem de fatores externos, cujas intervenções podem estar além da capacidade das instituições e funcionários (SILVA, 2006; BEAUDOIN, TAYLOR, 2006; CATINI, 2004).

A violência no ambiente escolar se manifesta de diversas formas. Entre estas, o *bullying* tem se destacado, na qual se configura uma relação desigual de poder entre pares.

O *bullying* é um tipo de violência que envolve todas as atitudes agressivas, intencionais e repetidas, que acontecem sem motivação evidente, tomadas por um ou mais estudante contra outro(s), ocasionando dor e angústia, sendo efetuadas dentro de uma relação desigual de poder. As agressões podem ser de natureza física, psicológica ou sexual. É uma forma de afirmação de poder interpessoal por meio da agressão (LOPES NETO, 2005).

Constitui-se num relacionamento interpessoal marcado por um desequilíbrio de forças. As vítimas típicas são mais frágeis, tímidas, com baixa auto-estima, submissas, ansiosas, inseguras ou depressivas. As vítimas provocativas apresentam reações de ansiedade e agressividade. Em geral têm opinião negativa de si mesmas, podendo ser hiperativas, dispersas, inquietas e tentam responder quando são atacadas, porém muitas vezes o fazem de maneira ineficaz. Os agressores são fisicamente mais fortes, possuem baixa tolerância às frustrações, sentem necessidade de dominar e se impor por meio de ameaças e muitas vezes apresentam atitude hostil com adultos. Não são inseguros nem ansiosos e possuem uma visão positiva de si mesmos. Há também os espectadores, que freqüentemente se calam por medo de se tornarem as próximas vítimas (OLWEUS, 1993 apud CATINI, 2004).

Os comportamentos violentos que caracterizam o *bullying* podem ser classificados como diretos ou indiretos. No *bullying* direto a vítima é atacada diretamente, como por exemplo, com apelidos, agressões físicas, ameaças, chantagens e roubos. No *bullying* indireto são características atitudes de indiferença, desprezo, isolamento e difamação da vítima (LOPES NETO, 2005).

Esses comportamentos ocorrem nas escolas e na maioria das vezes são encarados como naturais e ignorados, disfarçados ou mascarados pelos pais e professores. Compreendem uma violência mais sutil e de menor visibilidade, porém não menos importantes (MARRIEL et al, 2006).

Entretanto, um levantamento realizado pela ABRAPIA (Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e Adolescência), em 2002, com 5875 estudantes de 5ª a 8ª séries, de onze escolas localizadas no município do Rio de Janeiro, revelou que 40,5% desses

alunos admitiram ter estado diretamente envolvidos em atos de *bullying*, naquele ano, sendo 16,9% alvos, 10,9% alvos/autores e 12,7% autores de *bullying*.

A ABRAPIA (2002) ressalta que o *bullying* é um problema mundial, encontrado em qualquer escola, tanto nas instituições públicas ou privadas. Dentre as principais ações que podem estar presentes em casos de *bullying* pode-se citar: colocar apelidos, ofender, zoar, gozar, encarnar, sacanear, humilhar, fazer sofrer, discriminar, excluir, isolar, ignorar, intimidar, perseguir, assediar, aterrorizar, amedrontar, tiranizar, dominar, agredir, bater, chutar, empurrar, ferir, roubar, quebrar pertences, entre outros.

Buscando conhecer a percepção do professor sobre o *bullying* no ambiente escolar, este estudo discutirá a importância do papel do professor e que sentimentos o *bullying* tem despertado nele.

Acreditamos que tanto o professor como o aluno tem direito a um ambiente escolar seguro, que lhes favoreça uma convivência interpessoal de respeito à dignidade humana e à cidadania, caracterizada pela aceitação e acolhimento das diferenças individuais, sendo estas variáveis essenciais para a saúde e o bem-estar psicossocial durante a realização das atividades de ensino-aprendizagem (MASCARENHAS, 2006).

Lopes Neto (2005) postula que a escola é vista tradicionalmente como um local de aprendizado acadêmico. No entanto, a Constituição da República Federativa do Brasil, o Estatuto da Criança e do Adolescente e a Convenção sobre os Direitos da Criança da Organização das Nações Unidas prevêm o direito à dignidade e ao respeito, sendo a educação percebida como um meio de fornecer o pleno desenvolvimento da pessoa e seu preparo para o exercício da cidadania.

Catani (2004) postula que o *bullying* não é um fenômeno isolado e aponta como os principais fatores de risco associados os fatores da personalidade, dificuldades nas relações sociais, auto-estima, percepção do problema, ser vitimizado na escola ou fora dela, violência na comunidade, desajustes familiares, práticas educativas parentais, contexto escolar, alienação escolar e violência na mídia.

As escolas precisam enfrentar o *bullying* construindo estratégias que favoreçam o bem-estar psicossocial no ambiente educativo. A escola não pode ser um espaço de homogeneização, mas sim de resgate e respeito aos valores e às diferenças. As pessoas precisam aprender a reconhecer, assumir e aceitar a sua diferença, mas também necessitam aprender na escola a reconhecer como normal e natural a diferença de seus pares para poder respeitá-la (MASCARENHAS, 2006).

Neste contexto, o papel do professor no mundo atual extrapolou a mediação do processo de conhecimento do aluno. Seu trabalho está para além da sala de aula e deve articular escola e comunidade. No entanto, ainda que o sucesso da educação dependa do perfil do professor, a administração escolar não provê os meios pedagógicos necessários à realização das tarefas, cada

vez mais complexas. Os professores são forçados a buscar, então, por seus próprios meios, formas de requalificação que se manifestam em aumento não reconhecido e não remunerado da jornada de trabalho. O sistema educacional coloca no professor a responsabilidade de cobrir as lacunas da instituição, que com frequência institui mecanismos severos e redundantes de avaliação e contrata um efetivo insuficiente, entre outros (GASPARINI; BARRETO; ASSUNÇÃO, 2005).

Conforme Fochesi (1990 apud FERNANDES; ROCHA; SOUZA, 2005) o professor, em seu papel de desenvolver o pensamento crítico do escolar, contribui para que os estudantes desenvolvam comportamentos favoráveis à saúde.

Porém, o desgaste emocional e psicológico dos docentes frequentemente é ignorado pelas instituições de ensino, que muitas vezes naturalizam a situação de exaustão e estresse como um ônus da profissão. É necessário que o professor tenha consciência dos efeitos de que as atividades em sala de aula onde o *bullying* e a indisciplina não são controlados podem provocar no seu estado emocional (MASCARENHAS, 2006).

Em estudos feitos por Marriel et al. (2006) boa parte da fala dos alunos se tratava do relacionamento com educadores. O estudo mostrou que o autoritarismo e abuso de poder compromete a relação de confiança entre professor e aluno, além de favorecer a baixa auto-estima do adolescente. A desvalorização social do professor se reflete na sala de aula, levando o aluno a desvalorizá-lo também.

Oliveira e Antonio (2006) também citam que as relações constituídas nos grupos sociais, entre estes a família e a escola, são alicerces para a construção da auto-estima e sociabilidade do sujeito.

Assim espera-se que a escola seja um espaço seguro e saudável onde os potenciais sejam desenvolvidos ao máximo. A presença e testemunho de qualquer forma de violência neste ambiente pode acarretar danos físicos e psicológicos no sujeito, tanto de forma passageira ou mais persistente (LOPES NETO, 2005).

A relação professor-aluno é de extrema relevância na atuação sob a violência e no desenvolvimento de características individuais. Atitudes relativamente simples de respeito e afeto por parte do professor podem ser muito positivas, colaborando para diminuir a violência no ambiente escolar (MARRIEL et al., 2006).

Silva e Hoch (2007), num estudo com alunos, constatou que uma atitude positiva, de tranquilidade, afetividade e proximidade estavam relacionadas às descrições de um bom facilitador.

Para conhecer a dimensão do problema e estratégias de intervenção é importante se considerar a percepção das pessoas. Acredita-se então que conhecendo a percepção dos professores poderá influenciar o quanto e como eles estão dispostos a intervir.

Não se pode depositar nos professores a responsabilidade por todo *bullying* que ocorre nas escolas, no entanto, o *bullying* não é apenas um problema dos alunos, muito menos resultado natural da competição (PALÁCIOS; REGO, 2006).

MÉTODO

O fenômeno *bullying* tem sido alvo de muitas pesquisas nos últimos anos no Brasil (CATINI, 2004; MASCARENHAS, 2006; PINHEIRO, 2006; SILVA, 2006). Porém a maioria destes trabalhos foram feitos pelo viés quantitativo. Percebemos então a necessidade de uma abordagem qualitativa. A pesquisa qualitativa trabalha com um nível de realidade que não é mensurável, quantificado. Responde a questões muito particulares, ocupando-se das significações, motivos, aspirações, valores e atitudes. O seu objeto de estudo dificilmente poderá ser traduzido em números (MINAYO, 2003)

Este tipo de pesquisa promoveu uma maior aproximação com as experiências dos sujeitos, no caso, enfocando a percepção dos professores, seus sentimentos e estratégias de prevenção em relação ao *bullying*.

A investigação ocorreu com professores da rede pública de ensino. A população para o estudo foi de 5 professores.

Para a coleta de dados foram utilizados questionários semi-estruturados. Esta forma de coleta facilitou a exploração das experiências e dos sentimentos vivenciados pelo professor e propiciou um campo rico para analisar as percepções e subjetividade. As respostas foram posteriormente analisadas. Partimos de perguntas que facilitaram ao professor verbalizar suas percepções e sentimentos.

O sigilo da identidade dos participantes foi garantido, prevenindo quaisquer riscos para os mesmos. Os questionários foram entregues e preenchidos mediante a assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido, com as devidas orientações.

Para o procedimento de análise dos dados utilizamos a análise de conteúdo proposta por Bardin (2000).

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Ao longo do trabalho ficou evidente que os professores percebem situações de *bullying* entre os alunos:

Já pude perceber situações assim, principalmente com alunos do 3º ano do ensino médio. Eles formam grupos tentando amedrontar os mais tímidos. (Professora 1)

O que mais ocorre é o deboche, o sarcasmo, a ironia [...]. Já tentaram fazer isso com professores, inclusive comigo, mas não tiveram êxito. (Professora 2)

As situações mais comuns envolvem atribuição de apelidos, ofensas, exclusão e isolamento. Em muitas situações os adolescentes são intolerantes com relação a diferenças tanto na maneira de ser como na forma de pensar, por isso, se, no grupo, alguém se comporta de uma maneira diferente (diferente do ponto de vista da maioria) este é, muitas vezes, humilhado, excluído e perseguido. E essa perseguição se dá, na maioria das vezes, através de apelidos e comentários agressivos. (Professora 3)

Na escola em que trabalho não é tão corriqueiro este tipo de atitude, mas mesmo assim em alguns momentos percebe-se esse tipo de situação [...](Professora 4)

Em relação aos sentimentos despertados nos professores, identificou-se como sendo os principais o sentimento de impotência e de angústia diante das situações. Eles demonstraram ter consciência do desgaste emocional que esse tipo de situação pode causar:

Sinto-me pequena, pois não foram tais valores que nós repassamos a eles. Despertam insegurança e fragilidade em nós, pois passamos todas as aulas dando exemplos, repassando valores, e nos deparamos com alunos que transformam-se em pequenos marginais. (Professora 2)

Sinto-me impotente, decepcionada, e isso tudo vai gerando uma situação de desmotivação e insatisfação de estar naquele meio.(Professora 5)

Eu percebo o bullying na escola com muita angústia e repugnância, pois é uma situação desagradável.(Professora 1)

Quando percebo esse tipo de atitudes por parte de alguns alunos, não deixo de sentir indignação e raiva em alguns momentos, uma sensação de piedade por parte daqueles que estão sendo expostos a estas situações. (Professora 4)

Sinto-me principalmente angustiada, porque, muitas vezes, não sei que atitude tomar. Em certos momentos, sinto “pena” de alguns alunos que não reagem, e de certa forma,

aceitam a situação passivamente. Em relação aos agressores, sinto-me revoltada devido ao gosto que sentem em humilhar, agredir e tyrannizar. (Professora 3)

Como ilustram as falas acima, algumas entrevistadas mencionaram um sentimento de piedade e compaixão pelas vítimas e repugnância pelos agressores. Constatou-se também que os professores identificaram a necessidade de reconhecimento dos alunos agressores, corroborando a descrição de Olweus (1993) citado por Catini (2004), que reconhece no agressor uma necessidade de dominar por meio das agressões:

Percebe-se um grande desinteresse dos alunos em querer evoluir, aprender, estudar, então, eles partem para a agressão. (Professora 2)

A indisciplina por parte de alguns alunos fere e machuca àqueles que se sentem mais “acoados” e tímidos. (Professora 5)

Souza e Castro (2008) consideram que os impulsos agressivos são inerentes à condição humana e a escola não poderia deixar de vivenciar manifestações do comportamento agressivo. Para estes, as crianças depositam nos professores suas necessidades de atenção e afeto e esperam encontrar neles parâmetros e limites que não foram instituídos pela família.

Os professores entrevistados demonstraram preocupação tanto em relação aos alunos vítimas quanto aos agressores e espectadores, assim como também sentem-se responsáveis por desenvolver estratégias para inibir esse tipo de comportamento:

[...] em muitos momentos, me sinto impotente, mas procuro agir com cautela. Às vezes, procuro conversar com os agressores. Também busco conversar com as vítimas. Além disso, sempre que possível realizo um trabalho com o grupo, que tem como objetivo fazer com que os alunos reflitam sobre suas atitudes. (Professora 3)

Ter muita paciência, não perder o controle. Respirar fundo e com calma conversar com os alunos, explicar que tais atitudes não levam a nada e a lugar nenhum, e que a escola é um ambiente de aprendizado e não de agressões e desrespeito. São situações delicadas e é necessário muita calma e discernimento para acalmar e tentar harmonizar o ambiente. (Professora 5)

Fico atenta em sala de aula a estes grupos e seus padrões de comportamento e lideranças, pois não se resolve o problema de panelinhas dissolvendo ou afastando suas lideranças, mas fazendo esforço para entendê-las, potencializá-las e tê-las ao meu

favor, em prol da aprendizagem. Presto atenção aos comportamentos externos como isolamento, desânimo, falta de atenção, baixo rendimento [...] entre outros sintomas. (Professora 2)

Eles vêem o *bullying* como um problema complexo, que não depende somente da escola, porém a mesma não dispõe de meios para lidar com esse tipo de situação de maneira eficaz:

Porém o professor e a escola não podem ser os únicos responsáveis pela educação dos alunos, pois muito da personalidade deles é reflexo da personalidade nata, que vem de casa. (Professora 2)

[...] percebo que a escola ainda está inabilitada para trabalhar com a afetividade; os alunos estão mais agressivos, o que muitas vezes reproduzem aquilo que vivenciam no ambiente familiar ou social; e nós professores muitas vezes também apresentamos um grande desgaste emocional, o que dificulta uma ação mais correta diante dessas situações. (Professora 1)

Nesta última fala podemos verificar também que houve uma preocupação dos professores em trabalhar afetividade, indo ao encontro do estudo realizado por Silva e Hoch (2007), que considerou a afetividade uma das principais características de um bom professor. Outro fator importante constatado neste mesmo trabalho foi que alunos valorizam a posição de escuta e compreensão empática por parte do professor. Aqui percebemos que o professor também demonstra essa preocupação em escutar os alunos nas situações de *bullying*:

De certa forma, tento saber do aluno o porquê de tais atitudes, muitas vezes o mesmo revela problemas familiares de agressão e desrespeito. (Professora 5)

Muitas vezes é necessário ouvir os alunos, tentar ajudá-los e buscar entender o que leva eles a terem tais atitudes. Mas, com certeza, a escola deve desenvolver um olhar mais observador, na tentativa de detectar esses problemas e buscar soluções, ao qual eu penso que em um primeiro momento, chamar estes alunos para conversar. Desenvolver neles a sensibilidade de se resgatar valores que estão sendo deixados para trás. (Professora 1)

Esta fala exemplifica a crença do professor em um modelo de relação professor-aluno ideal encontrada por Souza e Castro (2008), em que os valores são pautados na compreensão respeito e tolerância, que de algum modo são transmitidos na relação com as crianças.

Corroborando ainda a pesquisa de Souza e Castro (2008), observamos que os professores cumprem papel ativo no manejo da agressividade. Mesmo com o desgaste causado pelas situações de *bullying* tomam providências para tentar resolver esse tipo de problema.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando-se o *bullying* no ambiente escolar, de modo geral, os professores enfrentam esse tipo de violência em seu cotidiano. Eles tem interesse em reduzir esses comportamentos, assim como sentem-se afetados e acreditam que o *bullying* prejudica o seu trabalho em sala de aula. Porém os professores não conseguem resolver sozinhos, somente com o seu trabalho, esse problema tão complexo.

O fenômeno *bullying* tem sido alvo de muitos estudos nos últimos anos. Há uma preocupação crescente, não somente com o *bullying*, mas com a violência em geral nas escolas e entre crianças e adolescentes. Porém as publicações sobre o tema ainda são insuficientes. Trata-se de um problema social e de saúde grave e são necessários ainda muitos estudos na área da psicologia sobre o tema.

Concordamos com Lopes Neto (2005) quando nos coloca a questão da inexistência de políticas públicas que priorizem ações de prevenção ao *bullying* e garantam a saúde e a qualidade da educação no Brasil.

As escolas nem sempre dispõem dos meios necessários para trabalhar na prevenção da violência, sendo assim, o trabalho do psicólogo no ambiente escolar têm se mostrado cada vez mais imprescindível.

Ressaltamos aqui o papel do psicólogo em engajar-se neste movimento para a construção de políticas públicas que possam reduzir esse problema de forma efetiva, lutando por saúde e uma melhor qualidade de vida das pessoas.

REFERÊNCIAS

ABRAPIA – Associação Brasileira de Proteção à Infância e à Adolescência. **Programa de redução do comportamento agressivo entre estudantes.** Disponível em: <www.bullying.com.br>. Acesso em: 21 set. 2009.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo.** Lisboa: Edições 70, 2000. 225 p.

BEAUDOIN, Marie-Nathalie; TAYLOR, Maureen. **Bullying e desrespeito: como acabar com essa cultura na escola.** Porto Alegre: Artmed, 2006. 232p.

CATINI, Nilza. **Problematizando o “Bullying” para a realidade brasileira.** 2004. 206 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2004.

FERNANDES, Marcos Henrique; ROCHA, Vera Maria; SOUZA, Djanira Brasilino de. A concepção sobre saúde do escolar entre professores do ensino fundamental (1ª a 4ª séries). **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, v. 12, n. 2, p. 283-91, maio-ago. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v12n2/03.pdf>>. Acesso em: 19 out. 2009.

GASPARINI, Sandra Maria; BARRETO, Sandhi Maria; ASSUNÇÃO, Ada Ávila. O professor, as condições de trabalho e os efeitos sobre sua saúde. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, vol. 31, n. 2, ago. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022005000200003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 20 set. 2009.

LOPES NETO, Aramis A. **Bullying: comportamento agressivo entre estudantes.** **Jornal de Pediatria**, Porto Alegre, v. 81, n. 5, nov. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0021-75572005000700006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 02 nov. 2009.

MARRIEL, Lucimar Câmara et al. Violência escolar e auto-estima de adolescentes. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 36, n. 127, abr. 2006. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742006000100003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 12 out. 2009.

MASCARENHAS, Suely. Gestão do *bullying* e da indisciplina e qualidade do bem-estar psicossocial de docentes e discentes do Brasil (Rondônia). **Psicologia, Saúde e Doenças**, 2006, vol. 7, n. 1, p.95-107. Disponível em: <<http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/psd/v7n1/v7n1a08.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2009.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 22. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003. 80 p.

OLIVEIRA, Agnes Schutz de; ANTONIO, Priscila da Silva. Sentimentos do adolescente relacionados ao fenômeno *bullying*: possibilidades para a assistência de enfermagem nesse contexto. **Revista Eletrônica de Enfermagem**. 2006. Disponível em: <http://www.fen.ufg.br/revista/revista8_1/original_04.htm>. Acesso em: 17 out. 2009.

PALÁCIOS, Marisa; REGO, Sergio Tavares de Almeida. *Bullying*: mais uma epidemia invisível? **Revista Brasileira de Educação Médica**. Vol. 30 nº1. Rio de Janeiro, 2006.

PINHEIRO, Fernanda Martins França. **Violência Intrafamiliar e envolvimento em “Bullying” no ensino fundamental**. 2006. 149 f. Dissertação (Mestrado em Educação Especial) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2006.

SILVA, Cleumara da; HOCH, Verena Augustin. **A afetividade na relação professor aluno e sua influência na aprendizagem**. São Miguel do Oeste: 2007. CD-ROM TCC (Curso de Psicologia) Universidade do Oeste de Santa Catarina.

SILVA, Dezir Garcia da. **Violência e estigma: bullying na escola**. 2006. 136 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2006.

SOUZA, Maria Abigail de; CASTRO, Rebeca Eugênia Fernandes de. Agressividade infantil no ambiente escolar: concepções e atitudes do professor. **Psicologia em estudo**, Maringá, v. 13, n. 4, Dez. 2008 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722008000400022&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 10 Nov. 2009